

GT 04 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CRIATIVAS E INOVADORAS**O YOUTUBE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM**Gabriela Beatriz Ferraz de Moura¹**Resumo**

O presente artigo trata do uso do Youtube como ferramenta de aprendizagem. Traz reflexões sobre os diferentes ambientes de aprendizagem, autonomia (FREIRE, 1996) e o conceito de autodidatismo no contexto das tecnologias da informação e comunicação. Relaciona a rede social de compartilhamento de vídeos com as instituições de ensino, revelando barreiras relacionadas ao bloqueio de conteúdos. Também relata uma parte da pesquisa Video Viewers publicada pelo Think With Google em 2016 que revela os principais interesses dos usuários e apresenta a coleta de dados realizada sob um recorte no ensino superior, com o intuito de perceber o que os discentes do Curso Superior em Design de Moda da Universidade Estadual de Goiás têm assistido na internet. Para a maioria, é possível perceber que a internet figura como fonte de entretenimento e acesso à informação, o que possibilita a formação de conhecimentos. A pesquisa gera um desdobramento para considerações sobre o capital cultural (BOURDIEU, 1966) e problematizações pertinentes às relações do sujeito (FOUCAULT, 1955), trabalhadas na perspectiva da mídia.

Palavras-chave: Youtube. Aprendizagem. Autonomia

Introdução

A alimentação visual das pessoas não é mais a mesma depois do Youtube. A plataforma de distribuição digital de vídeos surgiu em 2005 e possibilitou ao usuário estabelecer uma relação diferenciada de outras mídias – como a televisão. Essa rede social tem o caráter democrático e permite que qualquer pessoa publique vídeos com os mais diversos conteúdos. A participação ativa, tanto na escolha quanto na produção de conteúdo foi o grande diferencial para os usuários.

A variedade de conteúdos e a quantidade de acessos caracterizam-se como um número crescente. Mas o fator quantitativo não influencia necessariamente na qualidade. O foco do presente

¹ Mestranda no PPGIELT – Universidade Estadual de Goiás. Pós-graduada em Docência Universitária - FCA (2016). Graduada em Design de Moda - UFG (2011). Docente no Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda - UEG (Jaraguá) desde 2015.

trabalho está no uso da plataforma Youtube enquanto ferramenta de aprendizagem e no desafio de conectar as informações para gerar um conhecimento significativo.

O interesse pela temática surgiu quando uma aluna, durante uma aula de maquiagem questionou quantos cursos eu havia feito para chegar ao nível de conhecimento demonstrado. A resposta causou um certo espanto. Apenas um curso presencial e o restante da aprendizagem foi fruto de uma busca individual por aperfeiçoamento através de vídeos publicados na internet. Esse processo tem sido cada vez mais comum, considerando a proporcionalidade em relação à ampliação do acesso às informações.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa traz um recorte nos estudantes do Ensino Superior. Um questionário foi aplicado entre alunos da Universidade Estadual de Goiás, do Curso Superior em Design de Moda. Os discentes puderam apontar o que mais assistem na rede social em questão e foram convidados a compartilhar suas experiências de visualizações tendo o Youtube como fonte. A intenção foi observar os usos que os alunos fazem da plataforma e sua relação com a aprendizagem.

Pensar o Youtube como instrumento de mediação pode gerar diferentes perspectivas: o posicionamento da instituição de ensino; o uso como parte complementar da prática docente; a relação do sujeito que busca de maneira autônoma determinados conhecimentos através dos vídeos. Para Foucault “o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro (por meio de relações de controle ou dependência) ou então a si mesmo, preso à sua própria identidade, mediante a prática do conhecimento de si” (FOUCAULT apud FISHER, 2002, p.4). O conceito de capital cultural também recebe uma abordagem, abrindo uma discussão sobre a cultura de massa.

A reflexão se inicia sobre os termos aprendizagem, autonomia e autodidatismo no intuito de ampliar a compreensão dos usos no presente trabalho.

Desenvolvimento

Aprendizagem, autonomia e autodidatismo

Aprendizagem significa: aquisição de conhecimentos através da experiência ou do ensino; tempo em que se aprende. Os princípios da aprendizagem trabalhados em diversas teorias podem ser aplicados nas relações que se estabelecem no ato de aprender com o intuito de compreender melhor esse fenômeno. Gonçalves (2011) aponta alguns estudiosos:

Piaget tem sido a referência predominante na área educacional brasileira, inclusive foi a mais expressiva nas décadas de 1970 a 1980. O pensamento de Vygotsky está em franco crescimento, principalmente a partir da década de 1990. A aprendizagem significativa de Ausubel, no presente, está emergindo com mais intensidade (...), apesar de pouco divulgado na área educacional brasileira. (p.91)

Os conceitos teóricos relativos à aprendizagem podem ser aplicados de acordo com o contexto e as necessidades. Nas perspectivas de Piaget e Vigotsky a figura do mediador exerce uma função fundamental. No entanto, isso não significa que haja uma negação da condição do sujeito em constituir-se como construtor ativo de sua aprendizagem. Especialmente por existirem diferentes dimensões propícias à ação de aprender além dos ambientes institucionalizados. Gohn (2006) explica:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN, 2006, p.2)

A aprendizagem trabalhada no presente artigo é aquela realizada entre o sujeito e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), no caso a plataforma de compartilhamento de vídeos: Youtube. Se nas instituições de ensino professores e tutores atuam enquanto mediadores, no ambiente de educação não-formal, quem seria a figura do cumpre o papel de mediar? Ao assumir uma postura reflexiva e investigativa o sujeito se inclina ao exercício de sua autonomia.

A palavra autonomia, em sua etimologia “vem do grego e significa capacidade de autodeterminar-se, de auto-realizar-se, de “autos” (si mesmo) e “nomos” (lei). (...) Ela sempre será condicionada pelas circunstâncias, portanto a autonomia será sempre relativa e determinada historicamente.” (GADOTTI, 1997, p.9).

Para Gadotti, o termo se relaciona ao contexto educacional através da busca pela liberdade de expressão e de ensino na esfera intelectual e institucional. A autonomia relacionada à aprendizagem foi amplamente trabalhada por Freire (2014) sob a perspectiva das relações na educação. Sua compreensão aponta uma abordagem “ético-crítico-política” com o objetivo de possibilitar a transformação social. Portanto, autodeterminar-se não se aplica somente ao indivíduo, mas envolve contextos mais amplos e as relações de poder existentes.

Se um sujeito encontra nas tecnologias, na internet, uma possibilidade de aprender algo que faz parte da sua necessidade, mas não lhe foi ofertado por outros meios, este indivíduo exerce sua

capacidade de autorrealização em um nível pessoal. A mediação, portanto, pode acontecer com um caráter singular, mesmo que a rede seja uma conexão plural. Isso sugere o conceito de autodidatismo.

É necessário discorrer sobre o termo “autodidata” pois pode sugerir à ideia de total independência. As definições podem levar à uma concepção de ausência, não apenas de mediadores, pode insinuar também a falta de didática, modelos e referenciais. A atribuição utilizada neste trabalho aproxima-se da concepção de que o indivíduo aprende a partir de um esforço individual.

A sensação de individualidade no ato de aprender se configura desta maneira para o autodidata dada a forma que é aplicada a linguagem. Um músico que aprendeu a tocar violão através de uma revista de cifras, por exemplo, acessou a informação através de uma mensagem que não foi construída de maneira direta, mas que foi realizada por uma unidade interessado em realizar a transmissão. A tecnologia da impressão constituiu o meio.

As tecnologias proporcionam mudanças sociais. As comunicações não ocorrem da mesma maneira para diferentes gerações. Temos um cenário onde aprender, mesmo que individualmente, significa relacionar. Os quatro pilares da educação definidos na Comissão Internacional para a Educação em 1996 fundamentam que a aprendizagem deve ser concebida sob as perspectivas de aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver. Nesse sentido,

Aprender a conhecer aparece totalmente arraigado no domínio do progresso científico e do descobrimento tecnológico. De fato, este princípio aborda a urgente necessidade de responder a novas fontes de informação, à diversidade de conteúdos multimídia, a novas modalidades de aprendizagem em uma sociedade em rede e à crescente importância dos trabalhadores do conhecimento. (CARNEIRO, 2014, p.42)

O indivíduo que realiza a busca por conhecimento além do que lhe é oferecido entende que as mudanças são constantes e a formação precisa ser equilibrada. Aprendemos o tempo todo, de várias maneiras e em diversos ambientes. Realizar as conexões entre as diferentes origens das compreensões significa adentrar ao pensamento complexo. Morin (2007) afirma que aprender envolve o ser, o meio ambiente, o contexto, as múltiplas dimensões, as condições do comportamento humano com o propósito de permitir-nos ampliar as compreensões.

O Youtube e o ambiente acadêmico

O uso das tecnologias na esfera educacional tem proporcionado um leque de possibilidades aos professores, tanto da modalidade presencial, quanto na Educação a Distância (EaD). A internet

facilita as conexões para todos os envolvidos no processo. De acordo com Moran (2017) os professores podem buscar os vídeos mais interessantes ou elaborar seus próprios materiais, realizando por exemplo uma apresentação de slides narrada.

No entanto, podem existir barreiras. Não é incomum que instituições de ensino limitem o acesso à determinados sites da internet. Ferraz (2015) relata uma de suas experiências em um ambiente de ensino tecnológico:

Caberia, nesse momento, mencionar um episódio de uma aula que lecionava quando tentei passar um vídeo do youtube.com no laboratório e o site estava bloqueado para os alunos e para a minha máquina (que controlava todas as demais). Um aluno se levantou e com seu *ipod* transferiu um arquivo de desbloqueio e todos pudemos assistir ao vídeo. (FERRAZ, 2015, p.105)

A situação narrada expõe a relação que acontece em diversas instituições de ensino. É possível que o impedimento ocorra por questões operacionais, levando em consideração a banda larga, que em muitos lugares do país não garante um acesso ideal aos usuários. Mas a questão do conteúdo também pode ser um fator preponderante para a limitação.

João Mattar (2009) aponta algumas barreiras no que tange o uso de vídeos em educação:

Há muitos (...) problemas, como a preocupação com a qualidade e o valor acadêmico, principalmente face ao conteúdo gerado pelos próprios usuários; vídeos que não se encontram disponíveis quando necessário; limitações de banda larga e barreiras com filtros; acesso a conteúdo inadequado; tecnologias em constante mudança; etc. (MATTAR, 2009, p.9)

Uma das alternativas que o docente recorre quando deseja utilizar vídeos em um ambiente com a internet limitada é realizar o download em outro lugar e reproduzir em sala de aula de modo *offline*. Cabe aqui, portanto, uma reflexão sobre o gerenciamento dos conteúdos. O “valor acadêmico” citado acima sugere que vídeos utilizados em ambientes educacionais tenham sido criados com esta finalidade. Entretanto, este valor também poderia ser agregado a vídeos produzidos com diversas outras finalidades, desde que houvesse um pensamento crítico atrelado.

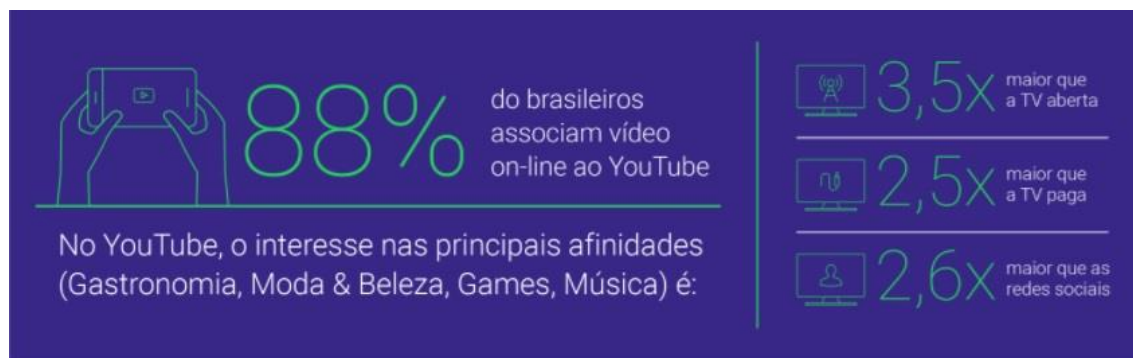
Na universidade é onde frequentemente ocorre o desenvolvimento das propriedades analíticas do indivíduo. Estaria o estudante apto a realizar o uso do Youtube de maneira crítica e consciente? Independente desta capacidade estar formada ou em processo, cabe às instituições de ensino proporcionarem condições para esta construção. Limitar o acesso à qualquer que seja o conteúdo evidencia o distanciamento das diferentes realidades.

O que você assiste no Youtube?

Desde quando começamos a acessar o Youtube, até o momento presente, quantos vídeos conseguimos assistir? E quanto conhecimento conseguimos adquirir? Aqueles que conseguimos nos lembrar com mais facilidade fazem parte de uma aprendizagem permanente. Este fato tem estreita relação com os assuntos nos quais temos maior interesse.

Segundo a Pesquisa Video Viewers 2016, os brasileiros têm utilizado o Youtube principalmente em temas relacionados à gastronomia, jogos, música, moda e beleza. Isso significa que atividades relacionadas à própria vivência tem sido pesquisadas. As afinidades correspondem aos desejos, necessidades, interesses ou motivação intrínseca do sujeito. Estes fatores podem configurar-se como combustível para uma aprendizagem que faça sentido para a realidade do aprendiz.

Quadro 1: Pesquisa Video Viewers 2016

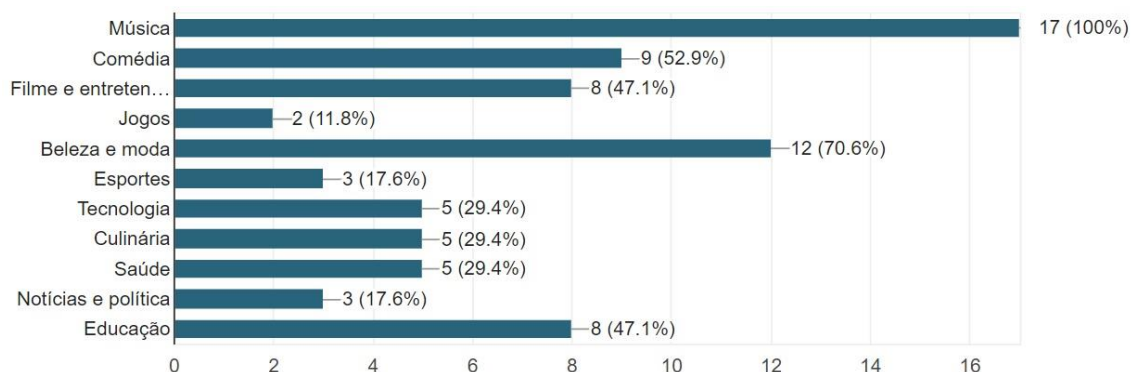


Fonte: Think With Google.

Na pesquisa realizada com os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, houve um levantamento sobre as categorias que mais condiziam com os interesses de visualizações no Youtube. O interesse por música é apontado como alvo de maior interesse, seguido pelos vídeos que abordam beleza e moda como tema principal. Esses primeiros dados se aproximam dos apontamentos do Quadro 1.

Porém o recorte de pesquisa mostrado no Quadro 2 traz diferenciações quando se trata de jogos e culinária. Aparentemente a cultura dos jogos não está tão presente entre os discentes. Há um interesse maior por comédia, filme/entretenimento e educação.

Quadro 2: Pesquisa com alunos da UEG – Câmpus Jaraguá



Fonte: Google Forms.

Apesar do tema música estar entre um dos maiores interesses dos sujeitos da pesquisa, ao perguntarmos quais canais acompanhavam com mais frequência, as respostas foram generalistas, não indicando nenhum canal específico. Na temática comédia, foram lembrados os canais: Porta dos fundos, Parafernália e Whindersson Nunes. Na esfera da moda e beleza: Camila Coelho, Taciele Alcolea, Mari Maria, Lu Ferraes, Jessica Andrade e Rayza Nicácio. Foram citados canais com temática cristã: Fabíola Melo, Jesus Copy e Pastor Lucinho. Também estavam na listagem canais com temática feminista: Ellora Haonne e Alexandrismos. Não foi apontado nenhum canal relacionado à educação, mas isso não significa que o grupo pesquisado não aprenda utilizando os vídeos.

O Quadro 3 abaixo traz as respostas para o questionamento “Já utilizou o Youtube para obter algum conhecimento específico? Se sim, descreva uma ou mais situações”. Esta pergunta foi formulada não somente com o intuito de coletar dados, mas para possibilitar uma reflexão ao aluno sobre tudo o que já lhe foi possível aprender através do Youtube.

Quadro 3: Pesquisa com alunos da UEG – Câmpus Jaraguá

sim, em busca de mais informações sobre terapias
Sim, como tirar duvidas sobre costura
Uma make mas elaborada
Artesanato ,metodologia cientifica e informatica
Para me ajudar em algumas matérias da faculdade e pra tudo que eu tenho curiosidade em saber e ele sempre me ajuda nas dúvidas
Sim, conhecimentos sobre dermocosméticos, corte e costura, desenhos ou trabalhos que eu estava sentindo necessidade de um aprendizado maior.
Modos e prática com cores nos desenhos
Para aprender costura
Não
Para fazer artesanato e decoração.
Sim por várias vezes, principalmente pra obter mais conhecimento na área em que atuo no trabalho, criação e desenvolvimento de produtos, e tbm algumas coisas relacionadas a culinária .
Várias
Conhecimento em técnicas de desenho, beleza, e conteúdos de moda.
Sim, perdi todas as aulas de química no segundo ano do ensino médio, e pra conseguir fazer a prova estudei pelo YouTube. E fechei a prova, quando mostrei o resumo do estudo que eu fiz pra professora ela disse que eu tinha matéria até pro próximo ano.
Para instruções sobre artesanato
Para aulas de artesanato
Sim, obter informações sobre photoshop

Fonte: Google Forms.

Dentre todas as respostas, é possível identificar respostas bastante sucintas. “Várias” pode ser a resposta de alguém que reconhece que é possível aprender com vídeos na internet, em ambiente de educação não-formal, mas que por algum motivo não descreve as situações.

“Não” é uma resposta intrigante. Mesmo os interesses relacionados à esta resposta sendo música e comédia, é possível obter conhecimentos pertinentes à realidade de um estudante de moda. No entanto ainda não há esse reconhecimento.

Para a maioria, é possível perceber que a internet figura como fonte de entretenimento e acesso à informação, o que possibilita a formação de conhecimentos, especialmente no que tange as práticas manuais – como artesanato e costura – e o domínio de tecnologias do campo da informática.

O Youtube e o capital cultural

As experiências visualizadas integram a construção do imaginário e acabam por serem reproduzidas através das vivências. Este movimento compõe a cultura e a propagação de valores de determinado grupo social. Na década de 1960, Bourdieu criou a metáfora “capital cultural” para discutir o fenômeno da cultura que pode ser acumulada. Esta construção social se dá pela educação, através da formação e conhecimentos apreendidos em geral. Bourdieu problematiza o capital cultural enquanto instrumento de dominação e evidenciação das diferenças (ALMEIDA, 2007).

Transitando entre as descobertas empíricas desse estudo, ao observar o painel de interesses da pesquisa (Quadro 2), o item “música” aparece em destaque. No entanto não são delineados nomes nas respostas longas. Talvez por receio de um possível julgamento depreciativo por seu interesse não compor um grupo dominante ou por não considerar como um potencial construtivo. A música é um exemplo de sistema simbólico onde indivíduos e/ou grupos se posicionam em uma compreensão que lhes é mais favorável, pelo simples fato de ser o seu próprio princípio. Seria possível obter conhecimento tendo como fonte as visualidades de um artista pop nacional por exemplo?

As diferentes esferas sociais podem ser ilustradas pela bifurcação da cultura em popular e erudita. A cultura popular é um conceito associado ao povo, às classes socialmente dominadas. Se contrapõe ao conceito de cultura erudita, esta sendo relacionada a um alto de instrução elevado. A cultura popular e a cultura erudita diante da sociedade não possuem o mesmo status social - a cultura erudita é a que é legitimada pelas instituições tradicionais.

No curso de Design de Moda é possível trabalhar tendo clipes musicais populares como referência. Por ser uma área que atua na esfera do consumo, da cultura de massa, é possível trabalhar com a própria problematização do capital cultural e a relação de dominação. O Youtube emerge como um formato de tecnologia de mídia de massa que sugere o debate sobre o valor e a legitimidade da cultura popular. Jean Burgess e Joshua Green (2009) apontam:

Disputas sobre o significado e o valor da cultura popular são sintomas de modernidade, atreladas às mudanças na política de classes, à industrialização em massa da produção cultural e à crescente afluência e acesso de pessoas “comuns” à educação. Para os teóricos de estudos culturais de diferentes épocas, a cultura é tanto “comum” (Hoggart, 1957; Williams, 1958) como um espaço potencial para disputas simbólicas, autonomia ou expressão pessoal (Fiske, 1989; 1992a).(p.23)

Relacionado à educação, os vídeos DIY (Do It Yourself ou “Faça Você Mesmo”) e os tutoriais representam elementos da cultura participativa presentes no Youtube e fazem parte do processo de expansão da mídia amadora da democratização da produção cultural. Os referenciais

levantados na pesquisa entre os alunos sugerem uma legitimação de informações. A popularidade não garante nem exclui a possibilidade dos dados publicados gerarem um sentido coerente.

Quadro 4: Pesquisa Video Viewers 2016



Fonte: Think With Google.

A pesquisa Video Viewers aponta dados referentes ao uso do Youtube como primeira fonte de informação. Fica claro o poder desta mídia e como ele é investido no cotidiano das pessoas. Os interesses do indivíduo que não exerce sua criticidade ficam vulneráveis à circulação de uma série de valores e concepções. Essas representações estão ligadas à interesses de grupos dominantes.

Considerações finais

O Youtube está presente em um momento de transição da cultura no que diz respeito o uso das mídias. As várias práticas e ideias constituídas nesse ambiente evidenciam como a sociedade tem estabelecido suas relações com os interesses e a aprendizagem. O ato de olhar criteriosamente o Youtube é uma sugestão possível e necessária para reconhecer as influências.

O acesso a uma plataforma gratuita de vídeos pode significar a imersão em um oceano de informações. Isso não significa que seja gerado algum conhecimento. Utilizar a criticidade e realizar conexões considerando a complexidade é fundamental para elevar as informações selecionadas ao nível de conhecimento. Cada vez mais o sujeito é levado pela educação a exercitar a busca pela autonomia. Como nem sempre há consciência destas condições, ocorre o não exercício do poder na

sua própria experiência alimenta o quantitativo referente à contabilização das visualizações e consumo massivo.

Referências

ALMEIDA, Ana Maria F. **A noção de Capital Cultural é útil para se pensar o Brasil?** In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Org.). Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p.44-59.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital:** como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARNEIRO, Roberto. **Os quatro pilares da educação.** In: VALDÉS, Raul (Org.) ; PILZ, Dania (Org.) ; RIVERO, José (Org.) ; MACHADO, M. M. (Org.) ; WALDER, Gabriela (Org.). Contribuições conceituais da educação de pessoas jovens e adultas: rumo à construção de sentidos comuns na diversidade. 1. ed. Goiânia: Editora UFG, 2014. 201p.

FERRAZ, Daniel. **Novos letramentos, novas tecnologias e educação em língua inglesa** (cap. 6). In: FERRAZ, Daniel, Educação crítica em língua inglesa. Curitiba, Ed. CRV, 2015, p. 93-116.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo Pedagógico da Mídia:** Modos de Educar na (e pela TV). Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 49. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 2006, vol. 4, n. 50.

GONÇALVES, Maria Ilse, **Educação na cibercultura.** Curitiba: CRV, 2011.

MATTAR, João. **Youtube na educação:** o uso de vídeos em ead. 2009. Disponível em: <<http://www.joaomattar.com/YouTube%20na%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20o%20uso%20de%20v%C3%ADdeos%20em%20EaD.pdf>>. Acesso em: Julho de 2017.

MORAN, José Manuel. **Tecnologias digitais para uma aprendizagem inovadora.** 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/07/tecnologias_moran.pdf>. Acesso em: julho de 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

THINK WITH GOOGLE. **Pesquisa Video Viewers 2016:** Como o brasileiro assistiu a vídeos esse ano? Disponível em: <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-2016-como-o-brasileiro-assistiu-a-videos-esse-ano/>>. Acesso em: Julho de 2017.